

Banco inglês cobra juros atrasados

Durida *Est*
VERA RAMOS
Correspondente

Londres - Se depender dos banqueiros ingleses, o Brasil não conseguirá rolar parte da sua dívida externa caso o governo Collor de Mello não inicie o pagamento imediato de um percentual substantivo dos juros atrasados. Essa foi a posição relevada ontem por um dos negociadores do Lloyds Bank, Tony Davies, que estará hoje em Nova Iorque participando da reunião entre a missão brasileira chefiada por Jório Dauster e o comitê consultivo dos bancos.

Numa entrevista ao **CORREIO BRAZILIENSE**, o diretor da Divisão Financeira Internacional do banco ressaltou que o Brasil errou ao preferir omitir-se da mesa de negociação. Segundo ele, o sistema financeiro internacional não formou uma boa imagem de parceria com os brasileiros em função da moratória, durante o governo Sarney, e mais recentemente pelo não pagamento dos juros há mais de 18 meses. Acha que essa imagem tem que ser alterada, caso contrário o País não receberá incentivos externos para quitar suas contas.

A expectativa em torno da reunião que começa hoje em Nova Iorque é grande. O Lloyds Bank, por exemplo, a quem o Brasil deve mais de um bilhão de libras, além de 100 milhões de libras somente em juros atrasa-

dos, resolveu reforçar seu time de negociadores, enviando aos Estados Unidos o diretor da Divisão Financeira Internacional. Antes de embarcar, Tony Davies reafirmou que dificilmente o Brasil obterá qualquer tratamento especial por parte dos banqueiros se o pagamento dos juros atrasados não forem efetuados ainda este ano.

Ele acredita ainda que o embaixador Jório Dauster, principal negociador brasileiro da dívida junto ao comitê consultivo dos bancos, deverá apresentar, concretamente, as modalidades de pagamento dos juros aos banqueiros num gesto de boa vontade do governo Collor de Mello que demorou sete meses até se decidir a tratar do tema. Acrescentou que o sistema financeiro internacional reconhece as dificuldades econômicas pelas quais o Brasil atravessa, porém, o plano de estabilização parece ter dado as condições para que o serviço da dívida possa ser amortizado.

CAPITALIZAÇÃO

Entre as opções oferecidas pelo Lloyds Bank, a capitalização dos juros é a forma que mais interessa aos banqueiros já que aumenta o principal da dívida. Mas a exemplo do que ocorreu recentemente com o México e a Venezuela, o acordo com os 16 banqueiros reunidos em Nova Iorque pode incluir a redução de

parte da dívida e um acerto para que durante um período de cinco anos, o Brasil pague os juros atrasados a preços reduzidos. Em contrapartida, os credores ofereceriam dinheiro novo para ajudar no desenvolvimento econômico brasileiro.

O acerto feito com os mexicanos prevê a concessão de recursos financeiros da ordem de 25 por cento do total da dívida contraída pelo país. Com a Venezuela, os banqueiros acertaram a fórmula do "buy back" - a compra da dívida no mercado secundário por 45 cents cada dólar.

Na opinião de Tony Davies, no entanto, todas essas opções de acordo para a rolagem da dívida brasileira só estarão disponíveis quando as autoridades econômicas se decidirem a retomar as negociações com os credores internacionais.

Mas não é apenas o pagamento dos juros atrasados que está tirando o sono dos banqueiros ingleses. Os jornais londrinos noticiam, com certa frequência, que há empresas estatais brasileiras, entre elas a Vale do Rio Doce, que segue tocando sua estratégia de comprar parte de sua dívida no mercado secundário, a preços bastante razoáveis. Indagado sobre o assunto, o diretor da Divisão Financeira Internacional do Lloyds foi enfático: "Prefiro ficar com a palavra do embaixador Jório Dauster que nos garantiu que isso não está acontecendo".